



# Fotografia de família negra

Nikolas Palliser Silva<sup>1</sup>

## Black Family photography

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n15.2018.76932>

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCar), com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.  
E-mail: [nikolas\\_lkn@hotmail.com](mailto:nikolas_lkn@hotmail.com)

**Resumo:**

Este artigo tem por objetivo estudar os laços de uma família negra migrante, a família Marques Neves. Constituída na Bahia, a família migrou para o norte do Paraná em meados de 1950, onde fincou raízes através do trabalho em seu comércio na zona rural. A partir da interpretação situada da fotografia da família constituída por um dos filhos do casal Deraldina Maria de Jesus Neves e João Marques Neves, buscamos compreender quão coesos são os laços sociais que os unem. Para isso, utilizamos de pesquisa empírica, por meio da entrevista, tendo a história oral como recurso metodológico, sobretudo como orientada por Montenegro (2013); também são essenciais para esta pesquisa as contribuições de Barthes (1984) e Leite (2001) para a interpretação da fotografia; tão importante quanto essas referências teóricas, ter acesso aos dados construídos entre 2014 e 2016 pelo grupo de pesquisadores que publicou a obra: *Dona Izolina e a Venda dos Pretos: solidariedade e resistência*, foi essencial para reconstruirmos o campo histórico e sociológico ora averiguado. Constatou-se que há, por parte da história oficial, a tentativa de invisibilizar e corroer a imagem das famílias negras, como se estas não construíssem laços sociais duradouros, todavia a pesquisa demonstrou, sobretudo por vias da história oral, que as famílias negras mantem forte vínculo entre si, criando laços de solidariedade duradouros.

**Palavras-chave:** Famílias negras, Venda dos Pretos, Fotografia de família, Memórias subterrâneas.

**Abstract:**

This article aims to study the ties of a migrant black family, the Marques Neves family. Constituted in Bahia, the family migrated to the north of Paraná in the middle of 1950, where it took roots through the work in its commerce in the rural zone. Based on the interpretation of the photograph of the family consisting of one of the children of the couple Deraldina Maria de Jesus Neves and João Marques Neves, we sought to understand how cohesive the social ties are that unite them. For this, we use empirical research, through the interview, with oral history as a methodological resource, mainly as oriented by Montenegro (2013); the contributions of Barthes (1984) and Leite (2001) for the interpretation of photography are also essential for this research; as important as these theoretical references, have access to the data constructed between 2014 and 2016 by the group of researchers who published the work: *Dona Izolina e a Venda dos Pretos: solidariedade e resistência*, it was essential to reconstruct the historical and sociological field investigated. It was verified that there is, on the part of the official history, the attempt to make invisible and erode the image of the black families, as if they did not build lasting social bonds, nevertheless the research demonstrated, mainly by means of oral history, that the black families maintains strong bond with each other, creating lasting bonds of solidarity.

**Keywords:** Black families, Venda dos Pretos, Family photography, underground memories.



**Fotografia 1: Venda dos Pretos pela manhã, antes do estabelecimento abrir.**

Fonte: Material construído para a pesquisa que resultou no livro: *Dona Izolina e a Venda dos Pretos: solidariedade e resistência*, porém não utilizada na obra em questão. Fotografia de Nikolas Palliser, ano 2015.

Há um balcão onde se distribui a generosidade, parte de uma cultura rara nos dias de hoje onde a solidariedade vai-se tornando produto escasso e endurecido nas prateleiras das lembranças da mudança que a sociedade sofreu e que sofremos da sua falta (SILVA [et al], 2016, p. 8).

## Introdução

Com estas palavras o professor Henrique Cunha Junior fez a abertura do livro que, dentre os diversos aspectos possíveis de serem aprofundados, escolhemos um e nos detemos nele. Desta forma, assim como o dia “nasce” pela manhã, a fotografia 1 convida o leitor a conhecer a história de uma família negra migrante e busca debater a tenacidade dos laços sociais que são criados entre as famílias negras.

Em específico, este artigo procura interpretar de forma situada uma das fotografias contida no livro *Dona Izolina e a Venda dos Pretos: Solidariedade e resistência*<sup>1</sup>, (a fotografia 3 deste artigo) para demonstrar como as chamadas *memórias subterrâneas* (POLLAK, 1989, p. 2) contradizem a imagem criada pelo olhar europeu sobre as famílias negras. Para isso, além de contarmos com os dados produzidos para a criação do livro, nos embasamos no manual do

---

<sup>1</sup> O autor deste artigo é também um dos autores do livro. O livro está disponível em: <[http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/venda%20dos%20pretos\\_.pdf](http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/venda%20dos%20pretos_.pdf)> (consultado em: 14-08-2017).

entrevistador de história oral de Montenegro (2013) para produzir material empírico pertinente à interpretação desta e de outras fotografias da família<sup>2</sup>.

Antes de introduzir a fotografia em questão ao leitor, visando situá-lo no tempo e no espaço, promoveremos um breve debate teórico acerca da história oficial local, mostrando como essa estava em consonância com o período e foi escrita de modo a invisibilizar a contribuição da população negra. Também apresentaremos brevemente as orientações metodológicas que nortearam essa pesquisa.

O livro ao qual pinçamos a fotografia é o mais recente exemplar da *Coleção Presença Negra em Londrina*<sup>3</sup>, que conta com os seguintes títulos: *O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: A presença negra pioneira em Londrina*<sup>4</sup>; *Yá Mukumby: A vida de Vilma Santos de Oliveira*<sup>5</sup> e *Negro em Movimento: A trajetória de Doutor Oscar do Nascimento*<sup>6</sup>. A coleção busca contribuir para uma educação antirracista e com a complementação da história oficial do município. De forma geral, a coleção apoia e incentiva o cumprimento da Lei 10.639/03<sup>7</sup>, não só por trazer luz a trajetória de negros brasileiros que possuem significativa relevância social para o contexto local, mas também, por ser distribuída, por meio do Núcleo Regional de Educação de Londrina (NRE – Londrina), a diversas escolas de Ensino Médio e Fundamental, visando instrumentalizar os professores.

Tendo em vista a valiosa contribuição da coleção mencionada acima, o leitor poderia nos questionar acerca da relevância da pesquisa aqui empreendida, porém, essa pesquisa encontra relevância ao partir de uma perspectiva pouco explorada na coleção: a interpretação da fotografia de família. Além dessa diferença, o ponto nevrálgico de nossa pesquisa é o debate sobre a persistência ou não dos laços afetivos que unem a família negra em questão; na coleção, o ponto central é a reconstrução da história dos biografados e, no livro sobre a trajetória da família Marques Neves, destaca-se o ponto de vista de Izolina Maria de Jesus Francisco.

## A ideologia do branqueamento

---

<sup>2</sup> O material empírico ao qual nos referimos constitui-se de uma conversa gravada com Maria Aparecida Neves – a ser apresentada no decurso da pesquisa –, gravada com autorização prévia. Essa entrevista, no contexto mais amplo dos materiais produzidos por Silva *et al* 2016, nos proporciona uma rica fonte de dados.

<sup>3</sup> A Coleção Presença Negra em Londrina é resultado do projeto *A população negra em Londrina: Memórias e Realidade Social*, criado e coordenado pela professora dra. Maria Nilza da Silva, da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>4</sup> Cf. SILVA, Maria Nilza; PANTA, Mariana (2014). *O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: A presença negra pioneira em Londrina*. Londrina: UEL. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/leafro/>> (consultado em 14-08-2017).

<sup>5</sup> LANZA, Fábio. [Et al.] (2013), *Yá Mukumby: A vida de Vilma Santos de Oliveira*. Londrina: UEL. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/leafro/>> (consultado em 14-08-2017).

<sup>6</sup> SILVA, Maria Nilza; PANTA, Mariana; SOUZA, Alessandro Eleotério de Souza (2014). *Negro em Movimento: A trajetória de Doutor Oscar do Nascimento*. Londrina: UEL. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/leafro/>> (consultado em 14-08-2017).

<sup>7</sup> A Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08 introduzem alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

Segundo Bastide e Fernandes (1971) a abolição da escravidão (1888) pouco significou ao negro, tendo em vista que este não foi incorporado à nascente sociedade capitalista, mas entregue à própria sorte<sup>8</sup>. Costa (1999) concorda com essa afirmação e complementa argumentando que a abolição desejava livrar o país dos inconvenientes da escravidão. Já Chaloub (2012) expõe a complexidade da noção de liberdade, tendo em vista que antes mesmo do fim da escravidão, na década de 1870, 42,7% da população (4.245,428) era de pessoas livres, porém “de cor”, no entanto, essas pessoas eram por diversas vezes acusadas de serem escravas e viravam força pública do governo.

Porém, é correto afirmar que, não obstante a falta de políticas públicas visando incorporar os indivíduos escravizados a sociedade capitalista, bem como, as que buscavam manter os indivíduos livres “de cor” prestando serviços gratuitos para a nação, o Estado brasileiro empreendeu um projeto almejando embranquecer a população física e culturalmente.

A tese do branqueamento baseava-se em três pilares fundamentais: 1) presumia a superioridade branca; 2) acreditava que a população negra diminuiria progressivamente em relação à branca em função da suposta taxa de natalidade mais baixa, maior incidência de doenças e desorganização social; 3) esperava que a miscigenação produzisse “naturalmente” uma população mais clara (SKIDMORE, 1976, p. 81).

Além disso, o branqueamento da população brasileira era um pressuposto fundamental para o projeto de modernização nacional (HASENBALG, 2005, p. 162-172). Assim, entre 1890 e 1920, mais de 1,5 milhão de imigrantes brancos entraram no Brasil como efeito do investimento no projeto de embranquecimento racial do povo brasileiro (DIWAN, 2007, p. 117) e, a região sudeste foi a que absorveu a maior parte destes imigrantes, estados como Paraná e Santa Catarina receberam uma considerável parcela de imigrantes<sup>9</sup>.

Sabemos que a tese do branqueamento se difundiu por todo o Brasil e, ao buscarmos os vestígios no estado do Paraná, unidade federativa em que se situa a família negra cuja fotografia nos propomos a interpretar, encontramos a obra de Wilson Martins *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná* (1989), que teve sua primeira edição publicada em 1955. Martins foi um importante crítico literário. Em 1951, tornou-se professor catedrático de literatura da Universidade Federal do Paraná e, pouco mais de dez anos depois, foi contratado para lecionar na Universidade de Nova York.

A despeito da relevante carreira de Wilson Martins, interessa-nos, particularmente, a obra que mencionamos acima. Nesse livro o autor tenta traçar a influência cultural de outros povos para a formação do estado do Paraná, mas ignora completamente a presença de portugueses, negros e indígenas e chega a defender que no Paraná não houve escravidão,

---

<sup>8</sup> No livro de Bastide e Fernandes (1971), em capítulo escrito por Florestan Fernandes, ao analisar a situação da população negra, constatou que, com a abolição, o negro recebeu apenas o *status* de homem livre, sem alteração de sua posição na estrutura de classes.

<sup>9</sup> Hasenbalg (2005, p. 132-133) utiliza-se da divisão criada por Glaucio Ary Dillon Soares, no livro: *Sociedade e Política no Brasil*, de 1973, para separar o Brasil em regiões desenvolvidas ou Sudeste, que seria: Rio de Janeiro, o antigo Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e o resto do país, as regiões subdesenvolvidas, incluindo todos os demais estados. Esta divisão é proposta para pensar o Brasil após o fim do Império.

reforçando o mito do estado branco. Porém, estima-se que, na primeira metade do século XIX, o número relativo de escravos negros chegou a 40% da população da Província do Paraná, emancipada politicamente em 1853 (JUNIOR; SILVA; COSTA, 2008, p. 16).

A obra de Martins “esquece” que, até 1955, a população negra no estado do Paraná era de 35% do total. De um modo geral, o autor dá maior importância aos imigrantes europeus, enquanto que a presença do negro é posta em segundo plano ou mesmo omitida (OLIVEIRA, 2005, p. 220).

Na contramão do que defendeu Martins, a pesquisa realizada pelo Grupo de Trabalho Clóvis Moura — resultante no livro *Paraná Negro*, publicado em 2008 — buscou dar visibilidade à presença negra no Paraná e mapeou 90 comunidades quilombolas no estado. A pesquisa buscou conhecer como viveram e vivem os habitantes de quilombos e demais negros no Paraná, revelando, a partir do censo de 1988, que o estado é o mais negro do Sul do País (JUNIOR; SILVA; COSTA, 2008, p. 15).

Como será aprofundado no decurso deste artigo, a família Marques Neves reside no município de Londrina, uma das maiores cidades do estado do Paraná. O município possui 537.566 habitantes (IBGE, 2012)<sup>10</sup> e, malgrado a construção do estado ter sido fruto dos esforços de povos de diferentes localidades (africanos, ingleses, italianos, japoneses, entre outros), além dos migrantes de diversos estados brasileiros que vieram para trabalhar na terra, o discurso oficial invisibiliza a participação dos negros (SILVA; PANTA, 2014).

Panta e Santos (2015) demonstram que Londrina e o Norte do Paraná foram alvo do empreendimento colonizador “Missão Montagu”, iniciado em 1920. Em um acordo entre Brasil e Inglaterra, o governo brasileiro buscava atrair investimentos financeiros por meio da implantação de núcleos de colonos imigrantes, sobretudo europeus, para impulsionar o processo desenvolvimentista. Juntos, governo e empresários ingleses buscavam novas e rentáveis oportunidades comerciais.

Em vista desse processo, visualiza-se que o Paraná e a nascente cidade estavam em sintonia com as teorias raciais europeias que defendiam a superioridade do branco e, por isso, estimularam o processo de branqueamento da população. Em Londrina, consolidada como cidade a partir das décadas de 30 e 40 do século XX, forjou-se uma imagem europeizada, enquanto que a memória histórica relativa ao negro foi apagada e invisibilizada (PANTA, 2013; PANTA, SANTOS, 2015).

No bojo destas constatações, a *Coleção Presença Negra em Londrina*, em relação com o discurso oficial, pode ser lida, partindo das concepções de Pollak (1989), como a disputa da memória ou a memória em disputa. O autor debate essa ideia ao versar sobre o processo de destalinização da União Soviética que, em um primeiro momento, denunciou os crimes estalinistas e, secundariamente, organizou-se em prol da construção de um monumento às vítimas. Com base em tais fundamentações teóricas, no âmago desta discussão no contexto local, a interpretação da fotografia tratará de ouvir as vozes das *memórias subterrâneas*, colaborando com a *Coleção Presença Negra em Londrina*, que faz um contraponto à história

---

<sup>10</sup> Confira em: *Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2013*. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2013/estimativa\\_2013\\_dou.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2013/estimativa_2013_dou.pdf)> Acessado em: 14 ago. 2017.



oficial, mas principalmente, trazendo para o centro do debate, a discussão acerca da perenidade dos laços sociais que unem as famílias negras.

### A família Marques Neves

Baseando-se em grandes autores das ciências sociais – brasileiros ou que escreveram sobre o Brasil – Slenes (1988) demonstra como eles criaram a imagem de promiscuidade e patologia social no meio das famílias de indivíduos que foram escravizados. Entre os autores que Slenes (1988) destaca estão: Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Roger Bastide, Emília Viotti da Costa, Oracy Nogueira, entre outros. Nas seguintes palavras o autor expõe a visão desses intelectuais:

De fato, para vários autores importantes, as condições do cativo (o excesso de homens sobre mulheres, a separação de famílias no tráfico interno de escravos, os caprichos e violências dos senhores) teriam tornado as uniões sexuais extremamente instáveis, a tal ponto que a vida sexual careceria de regras e a “família” escrava teria sido praticamente inexistente. Por exemplo, Gilberto Freyre fala d’ “essa animalidade dos negros (escravos), essa falta de freios aos insultos, essa desbragada prostituição dentro de casa”; Emília Viotti da Costa aponta “a promiscuidade sexual em que viviam os escravos”, e a “licenciosidade das senzalas”; Oracy Nogueira diz que o escravo, “dado o caráter ocasional e promíscuo das relações sexuais, mal chegava a conhecer a própria mãe e os irmãos”; e Roger Bastide, argumenta que “a mesma mulher [escrava] dormia ao acaso de seus caprichos ora com um macho, ora com outro”, caracteriza a vida sexual dos cativos como uma “espécie de vasta prostituição primitiva” (SLENES, 1988, p. 190)<sup>11</sup>.

No entanto, partindo do casamento de Policarpo Salvador e Afra, pessoas escravizadas, Slenes (1988) questiona o argumento dos autores supracitados de que, por uma série de fatores, de ordem religiosa, de suas próprias normas sexuais e familiares e pela psicologia própria dos escravos, não seria possível que estes estabelecessem laços sociais duradouros. O autor comprova que não havia nenhum “desvio” nos lares negros, mas sim no olhar branco sobre eles, ou seja, o erro estava nas fontes utilizadas para contar a história dessas famílias (SLENES, 1988, p. 194).

---

<sup>11</sup> No fim da passagem supracitada, o autor traz a nota de rodapé número 2, nesta diz o autor “Freyre, Gilberto, *Casa grande e Senzala*, 20ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1980, p. 319-320; Costa, Emília Viotti da, *Da Senzala à Colônia*, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1966, p. 269-270; Nogueira, Oracy, *Comunidade e Família: um Estudo Sociológico de Itapetininga*, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, INEP, MEC, 1962, p. 262; Bastide, Roger, *As religiões Africanas no Brasil*, 2 Vols.. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1971, VOL., I, p. 89. (SLENES, 1988, p. 190-191).

Nesta perspectiva, visualizamos na história oral<sup>12</sup> um significativo caminho para resgatar as memórias subterrâneas das famílias negras. O fazer dessa opção metodológica buscou seguir as orientações de Montenegro (2013) no manual do entrevistado de história oral, dessa forma, tendo a memória como matéria prima da história oral, buscamos conhecer ao máximo a história em que a memória foi construída, para isso, a pesquisa mais extensa que realizamos em Silva (2016) foi fundamental e possibilitou inclusive o clima de empatia entre entrevistador e entrevistado tão importante no manual de Montenegro (2013).

A visão desse autor acerca das potencialidades dessa perspectiva metodológica nos chamam a atenção, tanto por demonstrar que as entrevistas constituem um novo campo documental como por entender que a história é um campo de luta, assim diz o autor:

A história oral, no trabalho com a população, tem possibilitado o resgate de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes. Nesse sentido, as entrevistas permitem instituir um novo campo documental que, muitas e muitas vezes, tem-se perdido com o falecimento dos seus narradores. **A vida, as experiências, as lutas, as visões de mundo, o trabalho adquirem um novo estatuto ao serem socializados. Transformam-se em documentos apresentando um retrato da realidade, que passa a disputar a hegemonia do imaginário social com outras versões/representações construídas de outros lugares e por outros interlocutores. [...]. Fortalece-se, dessa maneira, o campo da história como campo de luta.** Registram-se, em um outro nível, os conflitos, contradições, diversidades, ausência de governabilidade que a própria realidade expressa, mas que, no entanto, os registros oficiais comumente insistem em 'esquecer'. (MONTENEGRO, 2013, p. 26-27). (Grifo nosso).

Nesta perspectiva, nos é importante resgatar trajetória da família Marques Neves, com a intenção de situar a fotografia a qual buscaremos interpretar. Tendo em vista que a essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa (BARTHES, 1984, p. 125), buscamos compreender o que a fotografia representa em diversas perspectivas.

A família Marques Neves constituiu-se a partir da união de João Marques Neves e Deraldina Maria de Jesus Neves, ambos nascidos na Bahia em 1915 e 1916, respectivamente. Ou seja, menos de trinta anos após a abolição. O casal teve nove filhos, são eles: Adelino Marques Neves, Antônio Marques Neves, Carolina Marques Neves, Izaura Maria Rocha, Izolina

---

<sup>12</sup> A opção pela história oral vem sobretudo de uma leitura crítica de Maurice Halbwachs (1968), partindo de Pollak (1989), que, ao recusar a ideia de história única, recusa algumas contribuições de Halbwachs (1968). Nas palavras de Michael Pollak, esse reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva já anuncia a inversão de perspectiva que marca os trabalhos atuais sobre esse fenômeno. Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional". (POLLAK, 1989, p. 2).



Maria de Jesus Francisco, José Marques Neves, Maria Augusta Marques Neves, Maria José Neves Maximiano e Tereza Marques Neves; a fotografia a ser introduzida retrata a família de Antônio Marques Neves e acredita-se que tenha sido feita por Izolina Maria de Jesus Francisco.

A história da família Marques Neves entrelaça-se com a história da cidade de Londrina, pois, em 1950, período de formação da cidade, o patriarca da família, João Marques Neves, conhecido por seus olhos azuis, migra da Bahia para a zona rural da cidade. João, que trabalhava com madeira e cana-de-açúcar na Bahia, veio atraído pelo sonho do “ouro verde”, como era conhecida a cidade devido à intensa produção cafeeira<sup>13</sup>, e logo iniciou no trabalho de abrir matas para dar lugar à plantação. Além de seus esforços, toda a família de João o auxiliava da maneira que fosse possível.

Dentre os fazendeiros para quem João Marques Neves trabalhou, destacam-se os pioneiros Álvaro e Olavo Godoy. A pioneira família Godoy, de quem a família Neves tornou-se amiga, tem sua história registrada no âmago da cidade de Londrina, principalmente por serem donos da fazenda Santa Helena, localizada no Distrito Espírito Santo (zona rural de Londrina). Por preservação da família, parte do terreno foi doada para ser transformada no Parque Estadual Mata dos Godoy, área protegida e que abarca uma das principais florestas do Paraná<sup>14</sup>.

Assim, trabalhando na derrubada das matas e na lavoura de café, João Marques Neves comprou o estabelecimento hoje conhecido como Venda dos Pretos, Venda do Alto e Venda do Encruzo. O primeiro nome faz referência ao fato do comércio ser gerido por uma família preta e, como destacou Izolina Maria de Jesus Francisco “é preta com muito orgulho! ”; já o segundo nome, dá-se pelo relevo do local em que situa, ficando no alto de um morro; o último dos nomes, Venda do Encruzo, ocorre, pois, o estabelecimento situa-se entre três vias, Rodovia Mábio Gonçalves Palhano, Rodovia Luiz Beraldi e Estrada Antonio Pieroli (SILVA, et al., 2016, p. 20).

Na ocasião da compra do estabelecimento, primeira metade da década de 1950<sup>15</sup>, o comércio, localizado no Distrito Espírito Santo, caracterizava-se como *secos e molhados*<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Vale destacar um fato minimamente curioso sobre João Marques Neves. Segundo relatos de sua filha Izolina Maria de Jesus Francisco, ele era filho de africanos e foi atraído pelo sonho do “ouro verde”, ou seja, a plantação de café. Sabe-se que o café é uma riqueza africana e teve origem nas terras altas da Etiópia no século IX.

<sup>14</sup> Disponível em: <[http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=247&Itemid=194](http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=247&Itemid=194)>, acessado em: 14/08/2017. A Mata dos Godoy é também uma importante fonte de pesquisa e que já comemora mais de 25 anos, veja a reportagem que conta a história desse bem natural: <<http://g1.globo.com/pr/parana/videos/v/parque-estadual-mata-dos-godoy-comemora-25-anos-nesta-terca-feira/3804531/>>, acessado em: 14/08/2017.

<sup>15</sup> A pesquisa não conseguiu comprovar a data exata em que a família adquiriu o estabelecimento, todavia, a partir dos relatos colhidos junto aos filhos de João Marques Neves, narrativas que possibilitaram a confecção do livro *Dona Izolina e a Venda dos Pretos: solidariedade e resistência*, é possível inferir que a aquisição da propriedade realmente se deu neste período.

<sup>16</sup> Relativo a esse termo, Teleginski (2012) explica que, no Brasil, entre os séculos XVIII e XIX, a maioria dos pesquisadores define os “secos” como produtos não comestíveis e os “molhados” todos os comestíveis. Porém, outros pesquisadores definem os “secos” como todos os gêneros alimentícios sólidos e “molhados” os líquidos. Para a autora, que pesquisou as *bodegas* na cidade de Irati-PR na primeira metade do século XX, os termos *bodega*, *secos e molhados*, *armazéns*, *vendas* ou *botequim* designam estabelecimentos muito parecidos entre si.



**Fotografia 2: Venda dos Pretos, ano desconhecido.**

Fonte: Álbum da família Marques Neves.

Partindo do roteiro de leitura da fotografia elaborado por Miriam Moreira Leite (2001, p. 85), entendemos que não dispomos de relatos suficientes para interpretar a foto acima exposta. Todavia, como a mesma autora indica, a fotografia também é uma forma de ilustrar o texto ao leitor (LEITE, 2001, p. 146). Nesse sentido, o aglomerado de pessoas em frente à Venda ilustra a importância histórica do comércio no local em que está inserido, como um ponto de encontro para as festividades, bem como, uma significativa representação do ambiente rural. Comparando a primeira e a segunda fotografia, é possível observar que o comércio passou por algumas transformações, porém, não perdeu a sua característica principal, a casa de madeira, que, vale destacar, é mesma até os dias atuais.

A Venda dos Pretos é um tipo de organização comercial que antecedeu as grandes redes de supermercados e, apesar das mudanças ao longo dos anos, mantém muitas características. Buscando suprir as demandas básicas dos moradores de diversas localidades, em seus primeiros anos de funcionamento, o estabelecimento oferecia a venda de alguns alimentos a granel, produtos como arroz, feijão, farinha, milho, macarrão, podiam ser adquiridos dessa forma, mas também se comercializava água, gasosas, cervejas, aguardentes, cachaças, licores, vinhos, entre outros. Destaca-se, além desses produtos, a venda de utensílios para o trabalho na lavoura, desde enxada, foice, até botina e chapéu. Desta forma, com uma ampla lista de produtos, a Venda supria diversas necessidades dos mais variados clientes (SILVA, et al., 2016, p. 36-37).

Estima-se que João Marques Neves administrou a Venda até o início da década de 80, quando passou para seu filho caçula Antônio Marques Neves. A Venda dos Pretos não era apenas um comércio da família Marques Neves, mas, sobretudo, um ambiente de família, onde o respeito para com o próximo e a generosidade eram ensinados, por meio do trabalho, para todos os filhos. Era também um ambiente em que se valorizava o fato de ser negro,

contrariando qualquer tentativa ou ideia que buscasse inferioriza-los por seu pertencimento racial. Como ficou bem caracterizado na fala de Izolina que mencionamos anteriormente.

### A família de Antônio Marques Neves

Antônio Marques Neves casou-se com Maria Aparecida Neves em 1981; ele, na época, com 34 anos, e ela com 16; as famílias conheciam-se antes mesmo de ela nascer, a irmã de Antônio, Izaura Maria Rocha, fora madrinha de batismo de Maria Aparecida. O casal se conheceu um ano antes. Namoraram, casaram e tiveram quatro filhos: Marcelo Marques Neves, Danilo Marques Neves, Renato Marques Neves e Willian Marques Neves.



**Fotografia 3: Venda dos Pretos, sob a administração de Antônio Marques Neves, 1991.**

Da esquerda para a direita: Antônio (ao fundo) e os filhos Marcelo, Renato e Danilo. Foto: Álbum de família. Imagem extraída do livro *Dona Izolina e a Venda dos Pretos: Solidariedade e Resistência*. (SILVA, et. al., 2016, p. 44).

Ao contrário do trabalho de Leite (2001) que se utilizou da família como instrumento de análise da documentação fotográfica (LEITE, 2001, p. 75). Em nossa pesquisa, buscamos o estudo da família a partir do retrato. Ancoramo-nos no roteiro elaborado pela autora para descobrir as relações entre os elementos do conteúdo do retrato e, de uma forma geral, a arquitetura interior da imagem. Mesmo não sendo possível levantar alguns dados para o estudo da fotografia, acreditamos que, partindo das informações obtidas, determinadas interpretações são possíveis.

O relato sobre a fotografia de Antônio e seus filhos (fotografia 3) foi tomado de Maria Aparecida. Não foi possível ouvir os filhos do casal pois eles não gostam de falar sobre os momentos com o pai, que faleceu em 19 de dezembro de 1994. Entende-se que, a profunda tristeza que os filhos ainda sentem pela perda do pai, é reflexo da intensidade dos momentos vivenciados com ele, destaca-se ainda que, em função deste sentimento, o filho mais velho do casal – obviamente portador de mais experiências com o pai – não pode ver as fotografias do pai que desatina em lágrimas, assim, as fotografias não ficam na casa da família, mas com o irmão de Maria Aparecida, Ailton.

A impossibilidade de dialogarmos com os filhos de Antônio sobre os momentos vividos com o pai, pode ser lida como o *silêncio* mencionado por Montenegro (2013), segundo o autor, o *silêncio* do entrevistado são momentos de profunda introspecção, nesse caso, temos mais que o silêncio, temos a recusa à entrevista. Tendo em vista que um clima de empatia entre o pesquisador e a família Marques Neves vem sendo construído desde 2014, pensamos que a recusa pode ser compreendida, de certa maneira, como uma negação da memória. Ou seja, as lembranças dos momentos vividos com o pai são tão intensas que, não só as fotografias devem ficar fora do alcance, mas até mesmo as memórias precisam estar bem guardadas.

Acerca do fotógrafo, o local e o equipamento utilizado para fazer a fotografia, imaginamos que tenha sido Izolina Marques Neves, filha de João Marques Neves, quem fotografou, com uma câmera analógica, o interior da Venda. Infelizmente, Izolina faleceu em 12 de fevereiro de 2015. Todavia, observamos outras fotos, também de sua autoria, e verificam-se muitas fotos de crianças em lugares próximos à Venda e elas sempre com uma pose que pode ter sido sugerida pela fotógrafa amadora. Como se observa na imagem acima, há uma ordem entre as crianças<sup>17</sup> e, tendo em vista que estão sobre o balcão, local em que não conseguiriam estar sozinhos, é possível afirmar que foram colocadas ali.

Leite (2001, p. 76) destaca que “A fotografia de família poderia talvez ser tomada como um equivalente da memória coletiva, como a imagem fixada de um tempo que parou”. Tendo a fotografia como uma memória coletiva, uma memória da família, fixada no tempo, questionamos: o que está guardado nessa memória, quais são os sentimentos a respeito desse tempo?

Em um livro sobre fotografia, Roland Barthes (1984) diz que a fotografia fala sobre aquilo que foi e que “a essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa” (BARTHES, 1984, p. 127-128). Para Maria Aparecida, a fotografia representa os anos mais bem vividos de sua vida, o sentimento de saudade e a vontade de voltar no tempo. Não por acaso, no momento de nossa conversa, as fotografias, utilizadas como um recurso à memória, ficam por muito tempo em suas mãos indo e voltando e, cada vez que reaparece, um novo relato também surge ou algo que já foi dito é repetido com mais detalhes.

Em seu relato, fortemente emocionada, Maria Aparecida conta que em seu casamento não havia brigas ou discussões. Existia um acordo entre o casal antes mesmo do matrimônio, caso um viesse a desagradar o outro, com alguma atitude ou qualquer coisa que houvesse dito, o combinado era conversarem depois que as crianças fossem deitar. Maria relata que, durante todos os anos em que viveram juntos, eles tiveram conversas desse tipo

---

<sup>17</sup> Nos parece coerente pensar que há uma “ordem de proteção” entre as crianças, ou seja, os mais velhos, que não necessitam do mesmo cuidado que o mais novo, ficam nas beiradas, enquanto o mais novo fica no centro, escorado pelos mais velhos.

apenas por três ocasiões. Em sua experiência, o matrimônio representava cumplicidade, parceria, disposição em ouvir e saber que será ouvida.

Em relação aos relatos de Maria Aparecida, verifica-se que a cumplicidade existente entre o casal também se constata – de maneira trágica – na relação de Antonio com seu pai, João Marques Neves. Os relatos de Izolina Maria de Jesus sobre a morte de seu irmão confirmam a força do vínculo existente entre ele e o pai:

Quando meu irmão faleceu, fez oito dias que meu irmão faleceu, ele entrou em depressão, depressão profunda. Ele não comia, não bebia, não falava mais nada e era só chorando... Antônio era o filho caçula. [...]. O que mais acabou com ele foi a depressão, ele entrou numa depressão muito profunda, demais! Então foi o que acabou com ele. Foi por causa da minha mãe e do meu irmão. [...]. Ele [o pai] entrou em depressão por causa da morte da minha mãe e do meu irmão. Era o xodó dele, o caçulinha. (SILVA, et. al., 2016, p. 52-53).

Buscando na fotografia 3 o que os depoimentos relatam, encontramos em Barthes (1984) dois conceitos que nos auxiliam. O primeiro é o *studium*, presente em fotografias de interesse histórico; o outro é o *punctum*, aquilo que a fotografia permite que eu veja e atrai meu olhar. “O *punctum* é, portanto, uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver” (BARTHES. 1984, p. 89).

Tendo em vista o caráter familiar que o ambiente possui, por vezes reforçado no livro sobre a Venda, sem deixar de ser um ambiente de trabalho, a presença das crianças naquele espaço supre nosso *studium* e nos diz sobre a força dos laços familiares ali construídos. Ou seja, os filhos, que hoje se emocionam fortemente ao lembrar dos momentos com o pai, eram levados para as atividades do dia-a-dia, assim como João Marques Neves carregava a família consigo. Ao repetir os ensinamentos de seu pai, Antonio Marques Neves fazia do estabelecimento um lugar de ensino, assim como outrora apendeu com seu pai.

Já o *punctum* que nos chama a atenção é o sorriso de Danilo, o mais novo na fotografia. Sentado entre seus dois irmãos, que olham para a fotografa amadora com certo desconhecimento do motivo de estarem ali, como se houvessem recebido a instrução “não deixem o Danilo cair do balcão”. O sorriso de Danilo é o detalhe que aviva as memórias de Maria Aparecida e embarga a sua voz durante o relato sobre a fotografia 3.

Lido à luz do distanciamento que os filhos preferem ter dessas memórias fixadas nas fotografias, o *punctum* da imagem – ao contrário do significado que o afastamento da imagem de uma pessoa possui para as fotografias de família analisadas por Leite (2001)<sup>18</sup> – extrapola dela a união, a proximidade, o companheirismo, a felicidade e a força dos laços construídos entre essa família negra.

---

<sup>18</sup> No estudo de Leite (2001), o afastamento da imagem de pessoas da família, ou seja, fotografias em que pessoas são recortadas ou não podem ser mencionadas, se refere a experiências negativas. Filhas que foram contra a vontade da família e fugiram para se casar ou de alguma forma, trouxeram um demérito para os familiares.

## Conclusão

Como evidenciou Barbosa (2009) em entrevista com Miriam Moreira Leite, as fotografias individuais são muito difíceis de trabalhar. Por isso, a esta análise, incluímos um conjunto de informações documentais construídas para a pesquisa que resultou no livro “Dona Izolina e a Venda dos Pretos: solidariedade e resistência” e a entrevista já mencionada. Devemos também levar em consideração que, a imagem aqui interpretada é uma das fotografias do álbum um tanto quanto desgastado e que não mantém necessariamente uma ordem cronológica de registros da família de Antônio Marques Neves.

Partindo desses dados e, sobretudo, da fotografia 3, a pesquisa aqui empreendida reforça os resultados apresentados por Slenes (1988). Ou seja, não se verifica nenhum desvio no seio das famílias negras; ao contrário disso, os laços que esta instituição cria entre os indivíduos são coesos a ponto de impactá-los fortemente ao descreverem os momentos e as memórias fixados nas fotografias e, como o depoimento de Izolina evidenciou, a ponto de a morte do filho caçula e da esposa levar João Marques Neves à depressão.

Tão importante quanto tudo que foi dito até o momento, destaca-se que o padrão de família analisada por Leite (2001) era burguês e patriarcal, ou seja, amplamente distante da construção que Slenes (1988) verificou entre os intelectuais brasileiros sobre as famílias negras escravizadas. Desta forma, este estudo não vê proximidade entre as famílias negras e as famílias burguesas analisadas por Leite (2001), mas apontou o distanciamento entre as famílias negras e a construção que o olhar europeu, muitas vezes dotado de preconceitos, como fica evidente no estudo de Kossoy e Carneiro (2002), impunha sobre os negros. Também se evidenciou a perenidade dos laços familiares pois, mesmo passadas gerações, os ensinamentos que João Marques Neves e Deraldina Maria de Jesus Neves passaram para seus filhos, foi cultivado pela família de Antônio Marques Neves e Maria Aparecida Neves, bem como, transmitido para seus filhos. Ensinamentos estes que ratificam o contrário do que disseram os autores clássicos da sociologia brasileira mencionados no início deste estudo. Ou seja, se a promiscuidade que esses autores julgavam existir não era verdadeira, como evidenciou Slenes (1988), de uma forma geral, a continuação da família Marques Neves, qual seja, a união de Antonio Marques Neves e Maria Aparecida Neves, demonstra que as famílias negras matem fortes laços de solidariedade ao longo das gerações.

Artigo recebido em 25 jul. 2018.

Aprovado para publicação em 09 nov. 2018.



## Referências

- BARBOSA, Andréa. [Et al.]. Fotografia e Memória: Entrevista com Miriam Moreira Leita. *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 13, vol. 20(1+2), 2009.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CHALOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- COSTA, Emília Viotti da. *Dá monarquia à república: momentos decisivos*. 6ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FERNANDES, Florestan; BASTIDE, Roger. *Branços e Negros em São Paulo*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo: Ática, v. 1, 1978.
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EDUEF. 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1968.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- JODAS, Juliana; VIEIRA, Paulo Alberto dos Santos; MEDEIROS, Priscila Martins. *Uma Década da Lei 10.639/03: Perspectivas e Desafios de uma Educação para as Relações Étnico-Raciais*. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.
- JÚNIOR, Jackson Gomes; SILVA, Luís Geraldo da; COSTA, Paulo Afonso Bracarense. *Paraná Negro*. Curitiba: UFPR/PROEC, 2008.
- KOSSOY, Boris; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Olhar Europeu: O negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo, Edusp, 2002.
- LANZA, Fábio. [Et al.] (2013) *Yá Mukumby: A vida de Vilma Santos de Oliveira*. Londrina: UEL. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/> (consultado em 14-08-2017).
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: ABDAL, Alexandre; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos; GHEZZI, Daniela Ribas; JÚNIOR, Jaime Santo. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo*. São Paulo, Sesc/CEBRAP, 2016.

MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

OLIVEIRA, Márcio, O "BRASIL DIFERENTE" DE WILSON MARTINS. *Caderno CRH* [en línea] 2005, 18 (Mayo-Agosto) : [Fecha de consulta: 14 de agosto de 2017] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347632167004>> ISSN 0103-4979.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PANTA, Mariana; SANTOS, Luciane dos. Personalidades Negras no Paraná. In: XII Congresso Luso-Afro-Brasileiro (CONLAB). *Livro de Atas do 1º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*. Lisboa: Leading Congressos, 2015. p. 4121-4135.

PANTA, M. A. S. *População negra em Londrina: processos migratórios, deslocamentos espaciais intra-urbanos e segregação*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

SILVA, Maria Nilza; PANTA, Mariana (2014). *O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: A presença negra pioneira em Londrina*. Londrina: UEL. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/> (consultado em 14-08-2017).

SILVA, Maria Nilza; PANTA, Mariana; SOUZA, Alexsandro Eleotério de Souza (2014). *Negro em Movimento: A trajetória de Doutor Oscar do Nascimento*. Londrina: UEL. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/> (consultado em 14-08-2017).

SILVA, Maria Nilza da & PANTA, Mariana A. S. (Orgs.). *Território e Segregação Urbana: 'o lugar' da população negra na cidade*. 1ed. Londrina: UEL. 2014.

SILVA, Maria Nilza. [Et al.]. (2016). *Dona Izolina e a Venda dos Pretos: Solidariedade e resistência*. Londrina: UEL. Disponível em: [http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/venda%20dos%20pretos\\_.pdf](http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/venda%20dos%20pretos_.pdf) (consultado em: 14-08-2017).

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SLENES, Robert W. *Lares Negro, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX*. Revista Brasileira de História, São Paulo: v.8 n° 16, pp. 189-203, mar.88/ago.88.

TELEGINSKI, Neli Maria. *Bodegas e Bodegueiros de Irati-PR na Primeira Metade do Século XX*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado em História, Cultura e Sociedade, da UFPR. Curitiba, 2012.